2.° DA 4.ª SERIE. N.° 39. 30 JUNHO 1842.

REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE.

Sahe ás quintas feitas. = Escriptorio na rua da Quintinha n.° 53 = Assigna-se no Escriptorio e na loja da viuva de João Henriques n.° 1, rua Augusta = Avulso 80 réis: 12 números 600 réis: 24, 1200 réis: 48, 2400 réis = O pagamento deve ser feito com a assignatura, exclusivamente nos locaes supra-mencionados. Cada serie de 12 números, desde o principio do jornal, custa 600 réis = Os assignantes, que não receberem no dia devido, poderão queixar-se, certos de providencias = Os das provincias devem remetter as suas assignaturas pelo seguro ou como lhe convier = Sobscripto da Correspondencia: Ao Redactor da Revista Universal, rua da Quintinha n.° 53 = Roga-se aos Leitores das Provincias que communiquem os acontecimentos dignos de publicidade = Qualquer artigo interessante será acolhido com gratidão e publicado = A Redacção annunciará, e convindo analysará, qualquer publicação nova de que se-lhe-remetta um exemplar = Encarrega-se ella, sem commissão alguma, de mandar vir de fóra machinas, plantas, livros, etc., por conta de quem o desejar = Tambem no seu Escriptorio se-patentearão ao publico objectos de similhante natureza, que para alli sejam mandados, os quaes serão descriptos no jornal = Esta Folha acceita e troca com todos os jornaes portuguezes = A distribuição na capital faz-se em tres horas = Este número sahe ás nove horas da manhã.

EXPEDIENTE.

O Escriptorio d'este Jornal mudou-se para a rua da Quintinha n.° 53 — Fica supprimido, como se declarou, o Gabinete de Leitura. — Se em consequencia d'esta medida, *que se tinha tornado indispensavel*, algum assignante quizer deixar de o-ser, fica expedida ordem para no Escriptorio se-lhe-restituir o equivalente aos números ainda não entregues, cuja importancia houver satisfeito. Assim fica respondida uma carta anonyma que recebemos. — Roga-se aos agentes do Jornal nas Provincias, e aos assignantes que ainda não teem pago subscripções, que o-façam quanto antes. — Houveramos desejado transcrever o importante artigo sobre lingua portugueza, que o Sr. *J. F. P. Marecos* inseriu no *Diario do Governo*, de 25 do corrente, mas as curtas dimensões d'esta Folha Semanal o não permittem: chamâmos para elle a attenção de nossos Leitores.

CONHECIMENTOS UTEIS.

ESTRADAS.

PORTUGAL.

(Continuação de pag. 446.)

Alterando o proposito do número antecedente, posto que sem nenhum desígnio de entrar nos pormenores do seu custo, parece-me que para regra geral, em materia de estradas para Portugal, se-podia adoptar com muita pertinencia o princípio de que, se os correios seguem a população, e as estradas são para esta, d'esses correios seguissem o transito. É obvio que os correios não se-hão-de ter estabelecido aonde d'elles não haja precisão, e aonde a-houver, maior deve ser ainda a das estradas. Mais tarde, assim se-desinvolva a população, tambem outras se-fariam. Se este pensamento merece alguma contemplação, adoptando como centro a capital, temos, segundo o mappa dos correios assistentes de Portugal, publicado em 1818 por aviso de D. M. P. Forjaz, de 18 Abril 1817.

1.° Leguas 6. Estrada geral de Lisboa até ao Carregado.
2.° » 13. Idem de Lisboa ás Caldas com as perpendiculares de Mafra, Torres Vedras, Peniche e Obidos. *N. B.* Esta estrada estava muito no caso de se-prolongar até á Figueira, por abranger o pinhal de Leiria, de que fallei no número antecedente.
3.° « 25. Idem do Carregado a Coimbra, passando por Leiria.
4.° « 15. Idem do Carregado a Thomar.
5.° « 36. Idem de Thomar até á Guarda, passando por Castello Branco, Fundão, Covilhã, etc., com perpendicular sobre Abrantes.
6.° « 29. Idem de Coimbra a Vizeu, Pinhel, e Almeida.
7.° » 10. Idem de Vizeu ao Pêso da Regoa, por Lamego.
8.° » 18. Idem de Coimbra ao Porto.
9.° » 42. Idem do Porto a Miranda, por Villa Real e Moncorvo.
10.° » 9. Idem do Porto a Vianna.
11.° » 24. Idem, Idem, a Braga, a Ruivães, a Chaves, etc., com uma obliqua,
» 12. sobre Bragança, a qual deve ter
» 16. outra communicação directa com Villa Real, por Vizeu para Coimbra, e d'ahi buscar Lisboa.

255 leguas

Estas são as communicações, com insensiveis modificações, que já existem gisadas sobre o mappa de Portugal para as Postas, de Lisboa para as provincias do Norte. Resta só tornal-as transitaveis, que tenham pequena largura, e confecção, mas que sejam continuadas sem lacuna; porque havendo-a, já ellas não servem de nada, como acontece á Estrada Real. Quem se-mette em uma caleça, é para chegar ao seu destino, não é para ficar em meio caminho.

Voltando agora outra vez a Lisboa, as communicações de além do Téjo, e do Sul do Reino, seguindo sempre a mesma guia, são:

12.ª Leguas 30. Estrada geral de Aldêa-Gallega a Elvas, por Montemór, Arraiolos, e Extremoz, com uma diagonal de Extremoz para Portalegre, e outras
8. de Montemór para Béja, por Evora e Alvito.
16.

Transporte leguas..... 54

Transp. leg 54
13.ª « 8. Idem de Aldêa-Gallega a Setubal.
14.ª « 21. Idem de Béja a Faro, por Almodovar e Loulé.
15.ª « 14. Idem de Béja a S. Thiago de Cacém.
16.ª « 10. Idem de Faro a Castro-marim.
17.ª « 10. Idem, idem, Lagos.
« 117. Sul e Éste de Lisboa.
« 250. Norte e Éste dito.

372. Leguas.

Com estas vias de circulação em estado de um vehículo transitar por ellas, á razão de legua e meia por hora, poderá Portugal considerar-se reino, e Lisboa deixar de ser a sua pobre capital, desde que não tem a estrada aquatica do Brasil, que a-tornava emporio das mercadorias do Sul, que, por outras estradas tambem maritimas, lhe-vinham buscar as nações da Europa em embarcações que se-crusavam no Téjo, pois que por cada arroba de pêso em que pega um transporte de terra, pegam ellas em mais de cem, pela decima parte do frete, sendo triplicada a sua velocidade de marcha. Perfeitas em tudo, taes estradas não demandam feitio algum, por mais compridas que sejam, e só á entrada e saída precisam de uma luz de noite, para com mais promptidão entrarem e sairem os carreteiros que devem fazer a riqueza de todas as nações que as-teem e as-apreciam, e lhes não poem a cancella das pautas. Portugal, por via d'estas mesmas pautas, privado d'aquellas, e tambem sem as de terra, representa os fuzís de uma cadêa que não estão ligados entre si, de maneira que se alguem fosse a puxar por ella achava-se com a argola unicamente que tivesse na mão.

N. B. Com o presente número se-distribuem a alguns assignantes exemplares de uma chapa em resumo, que foi lithographada, para indicar melhor a derrota das estradas de que fallo. Tambem se-podem vêr as mesmas no mappa.

(Continuar-se-ha.)

Claudio Adriano da Costa.

VERDADEIRAS FONTES DA RIQUEZA D'UM PAIZ.

545 Não ha na Economia Política doctrinas tão dogmaticas, e tão universaes, que em geral se-possam applicar a qualquer paiz, seja qual fôr sua situação: as circumstancias particulares de cada um são outras tantas excepções, que por força se-devem conhecer, e apontar a essas theorias systematicas, cuja applicação indiscreta será sempre de ruina, e de morte, quando por alguma razão devêra de ser temperada, modificada, e ainda reprovada sob certas condições. — Economistas antigos, e modernos, e de grande conta, têem estabelecido como axioma, que o consumo das producções estrangeiras, longe de arruinar o commercio dos consumidores, antes o-favorece, facilita, e estende, trazendo-lhes em todo caso commodidades, gosos, e maior civilisação. Largos são os discursos, e varias as razões, com que se esta doctrina defende. Nenhum fundamento teriamos nós para combatel-a; nem sequer para modifical-a; se em a-applicando ao nosso paiz, não vissemos logo o seu abatimento, e pobreza de todos os grandes recursos da industria, como um poderoso obstaculo, que se-lhe-oppõe, e terá de oppor-se, emquanto durarem as causas internas, e externas que teem produzido este atrazamento. Na primeira classe d'estas causas vemos nós (e verá todo o homem que olhar attentamente para o nosso estado actual) a má divisão, e descuidada administração do nosso fertilissimo terreno; a desigual agricultura, que vai por todo este paiz; o amor do luxo, dos apparatos, e dos regalos da vida: o máu estado das nossas alfandegas; a frouxa fiscalisação; e sobre tudo isto a falta de commercio interno, não só mantida na ociosidade, e nos antigos habitos de quasi todas as provincias, mas escudada com o pretexto (posto que em parte verdadeiro) da falta de segurança, que em todas ha por causa dos ladrões, salteadores, e bandoleiros, e pelo máu estado das estradas, que na realidade é tal, que muito retarda, e difficulta as communicações internas. No que toca ás causas externas não nos-demoraremos em nomeal-as: facil é conhecel-as: assim o fôra remedial-as! A influencia, que necessariamente exercem as grandes nações nas pequenas, ou por alguma via descaidas de sua grandeza, é sempre uma especie de máu fado, que de continuo anda deparando tropeços a quantos passos esse pequeno paiz tenta dar para melhorar de sorte: é como um inimigo invisivel, ou já embuçado com o titulo d'amigo, de valedor, d'alliado, quem tudo espreita, tudo conhece, desconcerta, e empece tudo. — Melhores fados nos-dê Deus ás nossas coisas! Em tal conjuncção de coisas tão contrarias, que nos-perseguem ha muito tempo, o nosso pobre paiz é já tão acabado, que não nos-dá tempo a essas questões, com que se o remedio costuma ventilar, examinar, e considerar por todos seus lados: conhecido o mal, é lançal-o fóra! — A introducção em geral dos generos estrangeiros em o nosso estado, não é para nós como os economistas o-pintam: é veneno, é morte para a nossa industria. — ¿Como poderá o lavrador do Douro, e da Bairrada comprar productos aos estrangeiros, se estes não lhe-levam o seu vinho? ¿Como poderá fazel-o o do Alemtéjo, e da Beira Baixa, se lhe-faltam caminhos, estradas, e todos os meios de levar ao mercado os seus generos? Os habitantes da maior parte da Extremadura, e da Beira Alta, estão no mesmo caso; cortados, e separados dos melhores mercados dos seus cereaes, e vinhos por serras sem caminhos, são obrigados a receber por elles o vil preço, que algum especulador lhes-offerece. ¿Que monta aos lavradores do Minho, e Traz-os-Montes colher grandes producções da agricultura, se para as-levarem aos logares mais proximos, aonde as-podem vender, dispendem quasi o valor de suas mercadorias? — Fica logo muito claro, que este nosso paiz, dado tal estado, não póde seguir a doctrina d'esses Economistas, que louvam tanto a introducção dos productos estrangeiros. ¿Aonde ha aqui essa vantagem recíproca, esse equillibrio no dar, e tomar, sem o que não ha contracto, que geito tenha? Os consumidores naturaes a toda a hora vão gastando, e comprando fazendas dos estrangeiros; e sómente d'anno a anno, e com muita fadiga, despeza, e incerteza, adquirem os seus generos, que para ahi lhe-ficam sem preço, e sem procura que preste. — Esta nossa doctrina é tambem fundada na opinião de distinctos economistas, que fazendo a apologia da liberdade de commercio, a-limitam, e até affirmam, que um povo lavrador não póde deixar de ser industrio-

so. A opinião do Professor *J. B. Say* não é duvidosa, no seu curso d'Economia politica prática, tomo 2.° a fl. 67, no qual diz o seguinte: = Os lavradores queixam-se muitas vezes da falta de consumo. ¿Para que, dizem elles, augmentaremos a quantidade de nosso trigo, e de nosso vinho? ¿nós não podemos vender o que presentemente colhêmos? Esta queixa parece desmentir uma verdade, que receberá mais tarde o desinvolvimento; é que os homens se-multiplicam aonde as producções augmentam. ¿Porque razão em certos cantões apartados, nos quaes não é facil a communicação com o resto do paiz, a população, os consumidores não se-multiplicam a par dos productos?

É porque se não encontram n'esses logares outras industrias concorrendo com a da agricultura Para consumir os productos d'agricultura, não basta saber beber, e comer; é necessario poder comprar estes productos; e para poder compral-os, é preciso saber ganhar, e ao mesmo tempo fazel-os produzir. É com objectos fabricados nos logares, ou trazidos de longe, que se-póde comprar o pão, o vinho, a carne, em uma palavra todos os productos da terra. Se nós podermos assignalar as causas, que prejudicam os productos, que não são da agricultura; nós deduziremos as que paralisam a venda das producções d'esta.

A primeira condição, para que um paiz adquira industria, é o conhecimento, que os habitantes teem de seu preço, e o quererem vencer a preguiça commum ao homem e aos animaes, quando não são estimulados pela necessidade, e gostos proprios. N'este estado imperfeito de civilisação, em que os antigos habitos nos conservam, os homens que possuem algumas vantagens, que não são fructo de seus exforços pessoaes, taes como a propriedade de um pequeno fundo, ou d'um emprego, que só devem á imperfeição d'organisação política, estimam mais gosar, na ociosidade, uma renda medíocre, do que fazel-a augmentar por actividade do espirito, e do corpo. Familias indolentes não produzem filhos industriosos, e, quando os-dão, elles vão empregar em outra parte os seus talentos. Um proprietario se-queixa de não achar sahida a seus generos, sendo elle a causa d'isto. Em logar de se-entregar a trabalhos uteis, dissipa uma grande parte do tempo á caça, no bilhar, no jogo, nos cafés, (e nós os portuguezes em conversações ridiculas). Com um genio mais inventor, uma actividade mais extensa e mais perseverante, elle formaria para si, e para os seus, emprezas industriaes pequenas, ou grandes, que seriam viveiros de consumidores. Elle seria imitado por outros; o paiz se-povoaria, e os productos manufacturados achariam successivamente consumidores, ou no paiz, ou no estrangeiro.

Mas não basta, para produzir na industria manufactora, fazer ao acaso estofos, louças, aneis, ou agulhas; é necessario fazer coisas, cujo valor possa pagar as despezas da producção. É necessario por consequencia achar-se em estado de calcular estas despezas, e conhecer os elementos proprios a fundar o *valor vendivel* do producto, quando for acabado. É uma das maiores vantagens d'economia politica o fazer espalhar este genero de conhecimentos, e tornal-os usuaes. Em verdade é necessario capitaes, para alimentar emprezas d'industria. Ora, os capitalistas das grandes cidades não se-atrevem a arriscar seus fundos em industrias apartadas, antes que ellas se-tenham experimentado, e se-hajam ha muito tempo estabelecido. É necessario, por tanto, que ellas marchem gradualmente, e comecem, para se-alimentar das economias feitas em cada Cantão. Quando por estes meios uma provincia remota se-torna industriosa, quando ella sabe estabelecer communicações com o resto do paiz, sua prosperidade vae crescendo, os capitaes lhe-affluem de mais longe; formam-se ahi com mais confiança emprezas industriaes: as necessidades dos habitantes se-multiplicam com suas riquezas; desde então os productos da terra, e trabalhos d'agricultura serão levados ao mais alto valor. Vós vêdes que, de todas as maneiras, nós somos sempre levados a este resultado de que, se um cantão não prospera tanto, quanto seu terreno e sua situação o-permittem, é por falta d'industria e capitaes. São estes os elementos de toda a prosperidade. Ora ter-se-ha industria, quando se-for intelligente e activo; e haverá capitaes, quando se-souber fazer economias. — Até aqui o Economista estabelece doctrina exacta, que mais nos-pertence hoje, do que aos francezes, e que mais se-deve vulgarisar, para que findem preconceitos, e theorias illusorias, que nos-perderam algumas vezes, e que nos-farão novos estragos, se não se-escutarem conselhos tão salutares.

Ha hoje alguns paizes na America que podem comprar muitos productos d'industria estrangeira, e pagal-os com os generos de sua agricultura, sem lhe-fazer damno, e pelo contrario tirarão vantagens; os mais favoraveis são o Brazil, e Monte Video; produzindo immensos artigos d'agricultura, e tendo apenas braços para os-cultivar, sempre lhe-sobram productos para trocas vantajosas por toda a qualidade de industrias e manufacturas, que não irão em grande quantidade para paizes de tão pouca população. Nós reproduziremos aqui uma opinião do *João Baptista Say* em prova da nossa. Diz elle — O novo paiz de Buenos-Ayres, sem exigir reciprocidade faz um commercio vantajoso com Inglaterra, enviando-lhe uma quantidade consideravel de coiros, de clinas, e sebo. Ora supponde, que Buenos-Ayres, animado dos principios do systema exclusivo, quizesse um dia favorecer alli o estabelecimento de manufacturas de lã e algodão, e que tratassem de prohibir a sahida de seus productos brutos, e a importação de mercadorias inglezas; ¿que aconteceria? Para pagar más fazendas e estofos, elles renunciariam aos faceis proveitos, que lhes-são offerecidos pela natureza de seu paiz e de sua industria.

Nós diremos a respeito do Brazil, o que o *João Baptista Say* diz, na nota do Vol. 3 a pag. 390, a respeito dos Estados Unidos. — O que sería necessario proteger entre os Brazileiros, ou antes, o que não precisa protecção são seus productos d'agricultura, que podem multiplicar-se infinitamente, e cujo desinvolvimento sería impedido, se ahi se-recusasse receber mercadorias manufacturadas, pelas quaes os estrangeiros são obrigados a pagar-se em productos de agricultura, não só por falta de numerario, mas porque viagens tão longas não se-podem fazer, sómente com os ganhos em moeda dos productos d'uma viagem, trazendo á Europa os navios em lastro, o que, se não produzisse perdas, de certo poucas vantagens poderia produzir. É por tanto interessante a alguns paizes da America, e principalmente ao Brazil, o mais felizmente collocado, receber productos e manufacturas da Europa; não só para poder trocar os seus generos, mas principalmen-

te para animar a communicação com os paizes europeus, que mais lhe-podem dar as artes, a civilisação, e mais que tudo os braços brancos, que só podem conservar a paz e estabilidade entre as differentes raças.

Entretanto as leis e conveniencias dos paizes da America não servem a Portugal em relação com as outras nações da Europa. Fechemos pois por ora essas bellas paginas dos Economistas, que não nos-servem suas theorias nas actuaes circumstancias! Nenhum paiz pode comprar sem vender: este é o grande axioma, que não carece de mais prova. Procuremos primeiro augmentar nossos productos de industria agricola, e artistica: asseguremos-lhes mercados vantajosos, o que é muito possivel; e depois receberemos de fóra os productos, que mais possam dar-nos o equilibrio, e a verdadeira reciprocidade commercial.

C. X. Pereira Brandão.

VARIEDADES.

COMMEMORAÇÕES.

A SANCTA CASA DA MISERICORDIA.

2 de Julho.

546 Este cantinho do mundo, a que chamaram Portugal, e hoje não sei como se-lhe-chame, foi nos seus bons dias uma eschóla aberta de intrepidez e de valor, um seminario de virtudes, e uma mui formosa palestra litteraria. Os seus gloriosos feitos d'armas por ahi andam contados e recontados; razão unica porque não faremos d'elles mui frequentemente o assumpto de nossas commemorações. O que nós desejaramos era sim maior espaço n'este jornal, e mais tempo livre de outras forçosas e indispensaveis obrigações, para mais folgadamente trazermos á memoria de nossos leitores, já os utilissimos fructos de esclarecidas virtudes, já as admiraveis producções de artes e letras, com que, como á porfia, teem enriquecido o mundo homens e mulheres, cavalleiros e donas, filhos d'esta nossa patria.

Os factos d'estas especies são commummente menos conhecidos, e alguns por ventura em todo o tempo escassamente memorados. Tal nos-parece a primeira fundação da Sancta Casa da Misericordia. Esta fundação, que de antes não teve modelo, nem depois imitação em outros paizes: esta fundação, em que resplandece na sua maior pureza a verdadeira caridade christã, que, pelo dizer de passagem, tanto differe da philantropía philosophica; é obra dictada pelo coração de uma senhora, e de uma senhora portugueza; filha, esposa, e irmã de príncipes e reis portuguezes. Fallâmos da senhora rainha D. Leonor, filha do infante D. Fernando, mulher e prima d'elrei D. João 2.°, irmã d'elrei D. Manuel.

Em occasião mais opportuna faremos menção de outras muitas suas fundações de caridade e piedade, cada uma das quaes sería per si só bastante para a-fazer passar na posteridade por uma das rainhas, que mais dignamente se-tem sentado em throno. Aqui só apontaremos, por ser instituição similhante á de que n'este artigo fallâmos, a fundação dos banhos e hospital da villa das *Caldas*, que da fundadora tomaram o appellido *da Rainha*. Na mesma occasião e logar será tambem mais opportuno ponderarmos os grandes serviços, que a esta illustre princeza devem as letras patrias. Baste por agora mencionar que o seu nome anda vinculado a um dos mais celebres monumentos da litteratura e linguagem portugueza no XV seculo, o rarissimo e precioso livro da *Vita Christi*.

Foi tão appropriada á índole do povo portuguez; foi por elle tão bem recebida a sancta e sublime instituição da Casa da Misericordia, que em poucos annos se-crearam á similhança da de Lisboa outras em quasi todas as cidades e villas do reino. Os nossos soberanos sempre as-teem favorecido com sua munificencia, e especial protecção. Elrei D. Manuel impetrou da Sé Apostolica, que a festividade da *Visitação* fosse celebrada n'este reino com maior solemnidade, e deu esta invocação ás egrejas das Casas da Misericordia. D'ahi vem ser este dia (2 de Julho) o em que annualmente se-renova a governança d'estas casas, e em que n'ellas começa o novo anno.

Todo o portuguez sabe o que é a Irmandade ou Confraria da Misericordia, composta de pobres e ricos, de plebêos e fidalgos; sob cujas bandeiras acha abrigo e amparo o desvalído, alimento o faminto, vestido o nú, medicina o enfermo, consolação, se a póde ter, o sentenceado, sepultura o finado, emfim, pae e mãe e familia e mundo o engeitadinho do amor e da natureza.—Oh! se vós ouvíreis, como nós ouvimos todos os dias, as fervorosas acções de graças, que pobres e necessitados, victimas infalliveis da indigencia e desamparo sem o auxilio d'esta Sancta Casa, dirigem ao Altissimo por ter inspirado os fundadores e bemfeitores d'ella, conhecereis, e sem dúvida já conheceis, que é d'aquellas instituições, que se-podem reputar como um dos mais necessarios elementos da nossa existencia social.—Mas aquellas acções de graças não são sem mistura de mui sérios e continuados receios de que esta divina instituição soffra brevemente, como tantas outras já soffreram entre nós, golpe mortal, sob pretexto de melhoramentos.

Felizmente tem sido até agora respeitada, e confiâmos que continuará a sêl-o (ao menos por instincto nacional), a despeito das pretenções de alguns *modernisadores e progressistas*. Em uma das principaes cidades do reino trabalhava-se, ha coisa de tres annos, em um projecto de novo Compromisso para a sua Misericordia, mais accommodado ás *luzes* do seculo. Tachava-se de anachrónica, visigóthica, e bárbara a distincção dos irmãos em mechânicos e nobres; quando um varão sisudo, que fazia parte do congresso, rompeu pouco mais ou menos n'estas palavras = «Olhai que o que vos-parece peccar contra a sagrada lei da egualdade é aqui o mais seguro penhor d'ella. Se abolís a distincção dos mechanicos e nobres, em breve será a administração d'esta casa, que é dos pobres, e para os pobres, monopólio dos ricos e poderosos: então debalde clamarão os pobres contra esta usurpação; suas vozes não serão ouvidas dentro d'este recinto. Em vez de favorecer a aristocracía, é esta disposição da lei, mais popular, e até direi, mais republicana do que julgaes.» = Estas reflexões não são para desprezar, e as-submettemos á consideração dos nossos Lycurgos, Solões, e Dracões, se a lida e trafego de seus trabalhos lhes-deixarem uma hora vaga para lançar os olhos sobre as columnas do nosso humilde jornal.

J. H. da Cunha Rivára.

LINGUA PORTUGUEZA.

AO DIARIO DO GOVERNO.

(Continuado do n.º 387.)

547 Como bom cavalleiro, que não ha tomar desarmado em seu castello, logo ao primeiro toque da nossa busina vimos assomar-se na ponte levadiça o adversario a quem, por qualquer parte que andasse a fortuna, sempre ao cabo ficavamos devedores: porque, se o vencel-o era gloria, — e tamanha, — no ser d'elle vencido não cabia por isso mesmo algum desdoiro: e, pois que ambos viemos a briga de coração leal, não se-ha-de ella escusar, nem ha-de ter fim antes de averiguado, qual das contrárias damas dos nossos pensamentos se-deve gloriar de mais formosa, — se a moderna linguagem, estreme como a elle quer, ou a linguagem, como a eu desejo, ataviada das finas joias que em legítima herança lhe-vieram. Temos o *sol* e o *terreiro* bem partido: se a sua destreza e fôrça sobrepujam ás nossas, e porventura o-ajuda maior favor dos circumstantes, a melhoria, que julgâmos levar-lhe quanto á causa do combate, nos-repõe brios e esperança.

Antes porém que na pendencia nos-travemos, seja-me lícito explicar d'onde vem, que dois ânimos, sempre e em tudo tão conformes, em tão grave ponto, como este, se-ajunctassem para brigar. Sem metáphora o explicaremos. Logo ao saír dos saudosos porticos da Universidade, em que elle e sua donosa poesia foram sempre mais classicos e Filínticos do que eu e minhas humildes trôvas, arremessou-nos a fortuna por diversos caminhos a fins diversos. A elle, para o mundo, onde tanto havia de resplandecer, — a mim, para o retiro e obscuridade, como coisa de pouco ou nullo préstimo. Então aquelles dois estados, continuando-se com os annos, começaram de fazer o seu officio; por onde ambos a final viemos a apparecer-nos transformados; elle, prendado com todos os dótes e condões de agradar, trocou a poesía sonhada pela poesía vívida: foi um dos mais festejados ornamentos das sociedades e saráos, o elegante traductor de Lamartine para as damas, o orador facil e discreto no parlamento, o escriptor mais fecundo e urbano na imprensa periódica. Eu, a quem tantas glórias nem eram possiveis, nem tentadoras, doméstico por condição e gôsto, e mais solitario ainda na cidade do que na provincia, acolhi-me ao mundo velho; creei para mim communidade com os auctores classicos; deliciei-me na sua linguagem; envergonhei-me do muito que havia escrevinhado; não fiz voto algum de reformação, mas tanto me-caíu todo aquelle seu ingénuo e graciosissimo dizer, toou-me tão afinado com as fallas da casa, e com as fallas do campo, que, sem outra razão mais do que o meu interior contentamento, comecei de desejar que de tão rico e enterrado thesoiro, fossemos todos com honrosa porfia sacando á luz o mais possivel. Não eram em mim avareza nem ambição estes desejos; porque bem via eu não ser aquillo mais do que umas preciosas alfaias, com que só espiritos mui ricos poderiam apparecer trajados; mas consolava-me amostrando-as, e recommendando-as a esses taes espíritos, porque se não ficassem ahi perdidas.

Agora, que já as causas da nossa discordancia estão patentes, entremos na disputa.

No artigo, que sobre ella inscrimos no passado número, accusa-nos o nosso adversario de havermos combatido opiniões que não eram suas; tractando de pontos que nem andavam, nem podiam andar, entre nós controvertidos. Sim o-fizemos; ¿porém que boa razão nol'o vedava? Aproveitámo-nos da aberta, para continuar uma guerra, de que já muitas vezes dissemos que não havemos de levantar mão. Com o Diario do Governo haviamos duas questões de lingua: transferimos a segunda, que tinha de versar sobre methodo de traduzir, e debatemos a primeira; suppozémos comtudo, e ainda agora o-cremos, que, havendo de tractar do uso da linguagem antiga, por nenhuma via nos-podia ser defeso o ventilar ácerca da linguagem algumas outras questões, que as necessidades e a anarchia litteraria do nosso tempo teem tornado indispensaveis, não só uteis. Fizemos como nos torneios, onde, antes de romper lança com o contendor, largo espaço se-campêa, e se esgrime. Se andámos n'isso desaccordados, pena temos que ainda agora nos não peza de o-havermos feito. Todo aquelle pó que levantámos, aos olhos dos gallicistas spectadores o-dirigimos, e não aos olhos do nosso presente adversario, que nunca entre elles vimos, nem soubemos. Fique-se porém de remissa esta soberba Troya dos gallicismos, que só ao cabo de dez annos de cêrco e pelejas, poderá cair arrasada, mórmente depois dos brios que lhe-haverão infundido, alguns termos semi-equivocos de tão acreditado escriptor; e venhâmos ao verdadeiro ponto da controversia de hoje.

Lamentamos (diz o Diario do Governo) *a exaggeração com que maus imitadores, querendo restaurar em toda a sua integridade o stylo de nossos bons escriptores antigos, engastam fastidiosas trivialidades em palavras e frases desusadas e obsoletas, e em construcções obscuras, e escolhendo-as com tão impertinente cuidado, e apresentando-as com tão ridicula vaidade, como se o bello e sublime estivessem n'essa escolha puramente material, que só póde significar abundancia de tempo com uma escassez miseravel de gôsto e de talento.* Permitta-nos o Diario do Governo dizermos-lhe, que já ahi torceu um tanto a questão para a-inclinar para a sua parte: aquelles termos de *exaggeração... máus imitadores... restaurar em toda a sua integridade o stylo dos antigos .... fastidiosas trivialidades ... construcções obscuras escolhidas com impertinente cuidado ... e apresentadas com ridicula vaidade, etc.*, não poderão jámais accommodar-se ao que nós propozemos, e pedimos, e pediremos sempre. Aos escrevedores parvos e sem gôsto, nenhum genero de linguagem os salvará; mas, ao vêl-os cair no Léthes, mais pena haveremos dos que se-mostraram atuados e amartellados no seu compôr, do que dos deleixadões, para quem a lingua foi roupa de francezes.

Imputa-nos o Diario do Governo esta proposição *que a linguagem é uma herança de nossos maiores, que devemos conservar, usar, e transmittir intacta;* mas, eis-aqui o que nós disséramos, e prováramos: «devemos testar a nossos netos a linguagem que herdáramos de nossos avós; «e é isto mesmo, e não o que o Diario nos attribue, o que estamos promptos para defender, com as mesmas explicações, e restricções, que já em o nosso artigo haviamos feito. Não pedimos a linguagem antiga intacta e estréme; pelo contrário, bem explicitamente consentimos — por uma parte, em que se-desassombrasse dos termos, que por outros menos velhos e melhores houvessem sido substitui-

dos — e por outra, que se enriquecesse com a creação ou adopção de novos ou peregrinos vocábulos. E, pois quanto a esta segunda parte mal poderá caber dúvida, limitemo-nos na primeira; que é essa, rigorosamente, a gemma da questão.

¿ Porque razão (pergunta o Diario, para condemnar por um símile todo o uso do que elle chama archaísmos), *porque razão não uzâmos nós tambem do gibão e da gôrra que elles* (nossos avós) *nos-deixaram?*

Nascendo vem a resposta: se ainda não uzâmos das gôrras e dos gibões, mil outras modas dos tempos passados se-teem visto ressuscitar; e, se isto é nos trajos, e muitas vezes sem necessidade, e contra gôsto, como o não sería nas palavras, de que já Horacio disse — *Multa renascentur, quæ jam cecidere.....* e que, em tornarem a servir, nos-augmentam, incontestavelmente, as faculdades poéticas e oratorias; mas por que seja a refutação mais bem acceita, falle, em nosso logar, auctor que o nosso adversario não contradicte; seja Filinto.

« *A lingua é como a moda. A novidade*
« *Lhe-dá gala e primor. Motiva riso*
« *Campar-nos hoje com sediças phrases*
« *Do caduco Lucena, aguado Barros,*
« *Querendo-as pôr á moda no discurso;*
« *Como quem nos-viesse delambido*
« *Inculcar para adorno guapo e sécio*
« *Enrocados mantéos, golpeadas calças.*
« *Cuido que o-vejo erguer-se arreminado*
« *Lá da campa onde jaz, sécco e moído,*
« *O meu Garção, e azédo e zombeteiro*
« *Responder-lhes assim: « Tendes sobejo*
« *Para o mal que fallais, e para as trovas*
« *Com que a Patria pejaes, pejaes a lingua:*
« *Melhor fôra, boçáes, nascesseis mudos.*
« *Que enrocados mantéos, pintos calçudos*
« *Me-allegáes por escarneo! Quantas módas*
« *Não vêdes vós sediças, que resurgem,*
« *Como o fétido Lázaro, e campeiam*
« *Mui galhardas por esse mundo louco?*
« *Os mantéos enrocados, ide vêl-os*
« *Co'as calças golpeadas, na mais sécia*
« *Côrte da Europa, e mais lidada forja*
« *Das tremolantes e assopradas modas.*
« *Vêde-me os Cem-Suissos gigantescos,*
« *Cerrada guarda do Francez Sob'rano*
« *Como trajam nos dias mais garridos*
« *Enrocados mantéos, golpeadas calças,*
« *Que galas foram já de airôso adorno*
« *Ao Quarto Henrique, ao forte illustre Castro.*
« *Lêde, basbaques, mancos de doctrina*
« *Que (de certo) até modas vem nos livros;*
« *Como em Pêgas achou, passados annos,*
« *Certo Letrado os óculos perdidos.*
« *Mas escuta, Garção; (cuido que os-ouço)*
« *Se o pensamento é bom, faz seu effeito,*
« *Sem ser preciso revolver poeiras*
« *De Latinos Camões, sediços Borros;*
« *Sem joeirar palavras fastiosas*
« *De velhos alfarrabios com bafio.*
« *Callai-vos, tolos (o Garção responde)*
« *A elocução é tudo. Uma sentença,*
« *Que tôsca refugaes por desagrado,*
« *Se com phrase concisa, ornada e culta*
« *Vem ferir na alma, o ouvido amaciando,*
« *Abalados ficaes, ficaes absortos,*
« *Namorados da sua formosura.*
.....
« *Dar com vozes valor ao pensamento*
« *Dar-lhe côr, dar-lhe vida é o grande estudo,*
« *A gran venida de immortaes Auctores.*
.....
« *Uma palavra nova, ou renovada*
« *Desperta o ouvido, é saudavel toque;*
« *Que inclinam á preguiça, ao desattento*
« *Os ânimos de ouvintes distrahidos,*
« *Que a corda da attenção, por longo tempo*
« *Não podem ter tão rija que não bambe.*
« *Para a-atezar de novo o bom Poeta*
« *Varía o tom do Canto com figuras,*
« *Com descripções; ouzado já apostrópha*
« *Homens e Numes.... Quantas vezes, quantas*
« *O intrépido poeta arrisca o enleado*
« *Hyperbato, que embaça a intelligencia,*
« *Á prima vista, mas que apraz, namora,*
« *Quando abre todo o senso! Assim de Horacio*
« *E dos Romanos Classicos polidos*
« *Appraziam transpostos os vocábulos;*
« *E fôra rizo e escarneo dos ouvintes*
« *Dar-lhe ódes de sentido corriqueiro,*
« *Fluentes como o uzado Padre Nosso.*

Por diante podería ir o traslado; mas.... parará aqui; pedindo ao nosso illustre adversario releve ao seu e nosso Poeta as despeitosas expressões dardejadas contra os aguarentadores do idioma pátrio; não transcrevêramos os injuriosos apôdos, se ao Litterato com que nos-honramos de porfiar, podéra o mais leve d'elles competir: a outros caberão; para esses fiquem no canhenho.

A claresa, (diz o Diario) *é uma das primeiras condições do stylo, e as palavras desusadas se-lhe-oppõem em maior ou menor gráu* — e abona-se com o seguinte passo de Quintiliano — *Oratio, cujus summa virtus est perspicuitas, quam sit vitiosa si egeat interprete! Ergo ut novorum optima erunt maxime vetera, ita veterum maxime nova.* — Permitta-nos o docto crítico ponderar-lhe que n'este texto de Quintiliano se não acha condemnada a nossa doctrina; pois não pertendemos se-escureça o período, que venha a necessitar de explicador, ou traductor; antes havemos por certo, que, da observancia de nossos princípios, quanto á propriedade de palavras, e á genuina contextura do período á portugueza, resultará muito maior claridade no discurso: e quanto á clausula de se-haverem de antepôr, por via de regra, d'entre as vozes modernas as mais antigas, e d'entre as antigas as mais modernas, perfeitamente somos concordes e contentes. Agora porém pediremos vénia, para continuarmos a citar Quintiliano por nossa conta: diz elle assim — *Cúm sint autem verba propria, ficta, translata; propriis dignitatem dat antiquitas. Namque et sanctiorem et magis admirabilem reddunt orationem, quibus non quilibet fuerat usurus; eoque ornamento acerrimi judicii P. Virgilius unice est usus. Olli enim, et quianam, et mis, et pone, pellucent et aspergunt illam, quae etiam in picturis est gratissima, vetustatis inimitabilem arti auctoritatem. Sed utendum modo, nec ex ultimis tenebris repetenda.* O mesmo quasi escrevia este mestre da romana oratoria nas seguintes palavras, que immediatamente precedem ao texto adduzido pelo

nosso contendor — *Opus est, ut verba a vetustate repetita neque crebra sint, neque manifesta, quia nil est odiosius affectatione, nec utique ab ultimis repetita temporibus.* — Agora sim, que eis-ahi todo o pensamento de Quintiliano descoberto: segundo elle, ha-de-se proceder com tento e parcimonia no reanimar as antigualhas; mas com o uso d'ellas grangea-se ao escripto grande veneração, e uma certa graça de velhice, como a que se-admira nos antigos paineis, e que a arte não imitá. Não só Virgilio, aquelle mais judicioso ingenho dos bons tempos, usou de archaismos; porém quasi todos os escriptores de maior fama, e nomeadamente o principe dos oradores e philosophos latinos, o Virgilio da romana prosa, Marco Tullio Cicero: este, não só da grega lingua, que era para a sua, o que a sua deve ser ainda hoje para a nossa, extraía, e perfilhava, termos e vocabulos: não só os-ía desinterrar nas obras mortas dos seus patrícios; se não que assim o-aconselhava aos alumnos da eloquencia. Não o-citaremos, por evitar prolixidade, mas concluiremos a seu respeito com dizer, que essa mesma escuridade, com que tanto arruido se-faz, não carecia em seu conceito de um certo mérito; porque, diz elle, — *Habent tamen illa indicendo admiratio, ac summa laus umbram alliquam et recessum, quò magis id quod erit illuminatum, exstare atque eminere videatur.*

Fénélon, diz, fallando do francez: — *Notre langue manque d'un grand nombre de mots et de phrases. Il me semble même qu'on l'a génée et appauvrie depuis environ cent ans, en voulant la purifier. Il est vrai qu'elle était encore un peu uniforme et trop verbeuse. Mais le vieux langage se fait regretter, quand nous le retrouvons dans Marot, dans Amiot, dans le Cardinal d'Ossat, dans les ouvrages les plus enjoués, dans les plus sérieux. Il avait je ne sais quoi de court, de naïf, de hardi, de vif et de passionné. On a retranché, si je ne me trompe, plus de mots qu'on n'en a introduit. D'ailleurs je voudrais autoriser tout terme qui nous manque, qui a un son doux, sans danger d'équivoque.*

Parece (diz Filinto) *que este parecer de Fénélon foi talhado para o destempêro, com que nos-amesquinharam a lingua os Puristas das velhas Academias, e outras gentes que eu não nomeio.*

Ha em França, hoje em dia, ingenhos summos, que isto mesmo que Fénélon desejava, o-vão pondo atrevidamente já por obra: Victor Hugo, (para não citar mais do que um) ostenta-se, em prosa e verso, intrépido desinterrador de palavras e fórmulas da lingua velha; e a Academia recebe-o no seu gremio; e toda a França o-acclama escriptor insigne; e toda a Europa o-lê, e forceja de traduzil-o. N'isto, como em tudo que pertence ao escrever, o essencial é ter gôsto. Pope, que ninguem acoimará de antiquario, bem o-definiu em dois versos —

Regard not then if Wit be old or new
But blame the false and value still the true.

Não cures se o talento é velho ou novo;
Critica o falso e o verdadeiro estima.

¿Porque mais? o nosso proprio contrário, forçado pelos brados íntimos de sua consciencia, escreveu n'este mesmo artigo: — « *Entretanto ha composições em que póde admittir-se maior liberdade no uso das palavras antigas; em que se-póde ostentar riquesa e profusão de linguagem; em que a natureza da materia, a variedade e abundancia das idéas podem exigir que se-córte um pouco por escrúpulos contra os termos antiquados, principalmente se razões de maior ou exclusiva propriedade os-justificam.* »

Aqui o-tinhamos inteiramente por nossa parte, se logo, com admiravel sagacidade, não volvesse a escapar-nos; denegando á novella a faculdade de tomar um pouco o stylo velho, sob pretexto de ser escriptura para ledores leigos, e que só leva por fim *o recrear, e quando muito o instruir divertindo.* Por isso, condemna no Kenilworth do Sr. *Ramalho* o *bofé*, que, sôbre ser de Camões, é uma affirmativa necessaria, que traduz o *¡ma foi!* dos francezes (*by God!* dos inglezes) e os dois, tão claros, e prestadíos termos de *veniaga*, e *prática* por conversação. Observaremos ao escrupuloso censor, — 1.º que, se por via das novellas veio, como é notorio, o maior estrago á nossa lingua, e por ahi se-próva quanto influxo podem n'ella ter; justo sería, que o damno, que lhe ellas fizeram, procurassem, e se-obrigassem, ellas mesmas, a resarcir-lh'o. ¡E se nas obras, que, por serem recreativas, se-lêem, se não forem incluindo as dóses da teriaga, por onde será já que as-ministremos! ¿Pelos periodicos? insânia sería, além de barbaridade, o requerer de folhas quotidianas tal serviço: ¿pelos discursos do Parlamento, e do Fôro? ahi sim que sería ridícula qualquer sombra de antigualha: ¿pelos actos officiaes? quem hoje sonharia em tal: ¡¿pelo Theatro?! Acúdanos Deus; que sería isso maior despropósito, do que todos os que se lá fazem. Restavam as eschólas, se as cá houvéra de lingua, como as-ha em França, Italia, e Allemanha, e como as-houve, e primorosas, entre os Romanos, e Gregos; mas, não tendo nós estas eschólas, em que desde o princípio nos-creêmos com o portuguez; não podendo, nem devendo vir o clacissismo pelo que é fallado, recitado e orado, só um meio lhe-fica, e é a licção das novellas, que, juncto com os periodicos, estão sendo hoje em dia toda a nossa bibliotheca. — 2.º que este livro do Sr. *Ramalho*, que o censor queria ainda mais fiel ao seu original, é traducção de auctor, cujas mil e uma novellas, não só vão cheias e razas de archaismos, senão tambem de provincianismos, mormente escocezes, que não dão pequena tarefa a seus leitores.

Concluâmos, deduzindo do muito, que n'este, e no precedente artigo, fica exposto, apontado, ou acenado, algumas consequencias práticas, de proveito quanto a nós. — *Primeira.* A lingua, a formosissima lingua, que nossos avós nos-transmittiram, devemos conserval-a sem desfalque de nenhuma especie. — *Segunda.* Devemos pelo contrario forcejar pela testarmos melhorada a nossos netos. — *Terceira.* Para isso, é mister despirmo-nos de todos os generos de fanatismo; tanto do fanatismo que se-oppõe ás innovações necessarias, ou uteis, como do fanatismo, que resiste a que se-lhe-restituam seus fóros caídos. — *Quarta.* Devemos diligenciar, mórmente pela litteratura, reconduzir-lhe o que mais de foz em fóra lhe-vai fugindo; isto é, a nativa, lógica, artistica, musica, e de estranhos tão invejada, construcção, semi-latina, de seus períodos; desviando, e afugentando, com justa soberba, esse engoiado e deploravel geito francez de *agente, verbo, paciente, e ponto final.* Aqui ouçâmos de passagem a Voltaire — *Cette langue embarrassée d'articles, dé-*

pourvue d'inversions, pauvre de termes poétiques, stérile en tours hardis, asservie à l'éternelle monotonie de la rime, et manquant pourtant de rimes dans les sujets nobles, etc., etc., — e ainda *Le Mercier* passa a diante; sem talvez entretanto dizer tudo. — *Il faut dire hardiment que cette langue n'est pas poétique; que la poésie n'est qu'une prose rimée: qu'elle n'a ni abondance, ni énergie, ni audace; qu'elle n'en aura jamais, puisqu'il est défendu de l'enrichir, puisque sa marche, loin d'être libre et fière, est compassée, mesurée, rétrécie, soumise au compas..... Les versificateurs ne me pardonneront; je parle néanmoins en leur faveur..... (Les Poètes m'entendront.....) et qui, conformément à leur style rampant, rejettent la force et l'énergie, lorsque le Poète s'en sert pour peindre ses pensées avec les sons qui lui plaisent.* Quem pertender mais, para ensaboar de vez os narizes dos gallo-maniacos, vá bater á porta de *La Harpe*, que lá está fazendo jeremiadas, que não acabam nunca, sobre a pobreza e má raça da sua lingua. — *Quinta.* Se alguem, por excessivo zêlo, e míngua d'aquelle juizo, ou senso íntimo, a que chamam gôsto, demasiar até ao ponto de affectação, o uso do antigo; esse mesmo, será digno de louvor: e se o seu trabalho ficar para elle perdido, talvez o fructo d'elle para a lingua o não fique totalmente; porque, a poder de escriptos e ouvidos, é que os vocábulos e fórmulas, assim antigos, como novos, se-chegam a encarnar em cada idioma; passando já talvez de alguns quinhentos os que n'estes ultimos seis annos se-teem restaurado e de mil os que só Filinto, á sua parte, cá metteu. — *Sexta.* Aos cultores da litteratura, mormente aos traductores de novellas, incumbe sobretudo a obrigação de nos-ir restituindo, o que ainda da boa falla portugueza se-possa legitimamente rehaver. — *Septima.* Aos jornalistas pertence, pelo regimento moral do seu officio, e tanto mais quanto mais prestadíos desejarem e professarem ser á sua Patria, castigar severamente quantas traducções garôtas abortam, ou hajam de abortar, de tão mal fecunda imprensa como a nossa; louvando e esforçando ao mesmo tempo a todos aquelles, em quem, visivelmente, se-reconhecer o generoso empenho de ser uteis. E não se-acovardem os periodicos de requerer censoriamente nos outros um primor e riqueza, de que elles mesmos forem faltos: os jornalistas não teem, nem podem ter, para a curar phrases, tempo e remanso, que nunca devem falecer aos novelleiros; preencham pois incorruptivelmente o seu mister; que no fundo d'esta questão, que, só parece litteraria, anda, como já dissemos, escondida outra questão, ainda muito mais nobre, de moralidade. Ao nosso collega, e amigo, collaborador do Diario do Governo, principalmente encommendâmos esta causa tão sua como nossa. Vergonha a todos os que, por qualquer via renegados da mais formosa lingua que póde haver, desampararem ou traírem suas partes; mas gloria, mas gratidão, mas amor aos que, por si, e pelos outros, procurarem repôl-a, e mais poderosa, e senhoril, no throno d'onde rebeldias de mandriões affrontosamente a-derrubaram.

(Continuar-se-ha).

Antonio Feliciano de Castilho.

O DRAMA D. RODRIGO.

548 Tres semanas ha que o apparecimento d'este livro por mais de uma razão nos-convidava a d'elle tractarmos. É porém tão complicada esta máchina chamada jornal, tão diversas as suas requisições, e tão apoucado o nosso tempo, que não ao desleixo mas a absoluta impossibilidade se-deve tal demora attribuir. Cabe-lhe agora a sua vez. Mais val tarde, do que nunca.

A historia d'este drama de D. Rodrigo é uma das curiosidades do nosso theatro. Foi remettido ás provas publicas pelo Conservatorio Real de Lisboa, que sem deixar de lhe-notar defeitos, achou entretanto que se-devia animar quem principiava, e principiava por tão difficil genero.

Tendo atravessado as regiões da censura, sem maior impedimento, saíu o drama do Conservatorio e foi dar comsigo no que ahi chamam theatro normal. O mesmo foi lá chegar, que ver-se logo rodeado de embaraços; e este drama que o Conservatorio julgára dever animar, este drama, que se-apresentou armado d'uma determinação competente, encontrou em frente a soberana e pouco illustrada vontade do Director, Ensaiador ou o que quer que seja. Uma das rúbricas do drama pedia um bailado: foi a pedra de escandalo. O Ensaiador não quiz que se-bailasse: e o drama não se-representou.

Não tractaremos da conveniencia ou inconveniencia do bailado; e a fallarmos verdade não cremos que elle fosse essencial. Tambem nos não queixariamos do theatro, se não existisse um aresto.

Lembrára-se a Empresa de pôr em scena uma producção da láia d'essas muitas, que lá apparecem, chamada, se nos não erra a memoria — *O Val da torrente* — e para o tal *Val*, que pouco valía, appareceu logo uma torrente de azougadas nymphas tiradas da muito nobre e antiga familia das dançarinas de S. Carlos, que foram dar vida com seus saltos e tregeitos á desconsolada creaturinha. — Para esta que era estrangeira bailou-se, para a outra que era portugueza não appareceu quem bailasse.

Muito mais devêramos e quizéramos dizer — faltanos o tempo. — Só accrescentaremos que na pessoa do auctor de *D. Rodrigo* foram aggravados o *Conservatorio* e todos os auctores: julguem elles, e deliberem — a injuria é sua.

Do livro pouco diremos — o publico será o seu juiz. É innegavel que tem defeitos, sobresahindo n'elles algum desleixo de linguagem — e pouco estudo dos costumes, dos caracteres, e da historia — e scenas menos modestas, defeito que principalmente lamentamos por ser em coisa portugueza. Ha porém a par d'isto frequentemente nobreza e affecto e mostras de ingenho capaz de mais e muito mais. A poesia com quanto diffusa tem bellesa. A chácara do 5.° acto desejáramos vêl-a menos ataviada de archaismos e mais limpa de francezias. — Prosiga porém o A. de *D. Rodrigo* que lhe-agouramos bom futuro — a despeito de Ensaiadores que haja ou possa haver.

José Feliciano de Castilho.

VISTA INTERIOR DE COIMBRA.

549 Do *Monte da Esperança* contemplámos o risonho aspecto da cidade, iremos agora visitar o seu interior. — Uma serie de monumentos interessantes pelas historicas recordações, que representam, se-offerece aos olhos do viajante ao descer do monte, e dar o primeiro passo para a cidade. A ermida de *Nossa*

Senhora da Esperança traz á memoria as gloriosas conquistas do Oriente; alli entre suavissimas lagrimas se-despediam os missionarios Jesuitas, que a essas extremas terras íam prégar a verdadeira Religião, do collegio que até este logar os-acompanhava. — Juncto d'ella se ergue o *mosteiro de Sancta Clara*, onde em rico ataúde de prata se-venera o corpo incorrupto da Bemaventurada Esposa d'El-Rei D. *Diniz*: é obra sumptuosa, El-Rei D. *João* 4.° a-encommendou ao Conde de Cantanhede, D. *Antonio Luiz de Menezes*, e a planta do edificio ao ingenheiro mór do reino, Fr. *João Turriano*, da Ordem de S. Bento. — Está sobranceiro ao *convento de S. Francisco*, edificio grandioso, construido á custa dos fiéis, pouco distante d'onde o Mondego devorou o antigo, em cujo templo o direito e os nobres deram a Corôa Portugueza ao *Mestre d' Aviz*. — Proximo lhe-fica o *rocio*, povoado de viçosos freixos e sinceiraes; um mesquinho quartel, casas que foram palacio e hospital, fundado pela *Rainha Sancta Izabel*, o templo do velho *mosteiro de Sancta Clara*, cuja historia compõe a mais brilhante pagina da de *Coimbra*, limitam esta planicie, em que por ordem da Camara Municipal se-estabeleceu um novo mercado mensal. — Segue-se a *Ponte*, a mais célebre das quatrocentas que tem o reino, segundo escreveu o Licenciado *Botelho*.

Crê-se geralmente, que esta é a terceira já construida. *João de Barros*, Fr. *Luiz de Sousa*, e outros graves Escriptores o-attestam; *Estevão Cabral* nas *Memorias Economicas da Academia Real das Sciencias de Lisboa*, tom. 3.° cap. 2.° refuta esta opinião, não tractou porém a questão como ella merece. Remettemos os que quizerem averiguar este ponto historico para as *notícias sobre o encanamento do Rio Mondego*, publicadas no *Diario do Governo* 1822, números 96, 97, 98, pelo Excellentissimo Conselheiro *Agostinho José Pinto de Almeida*.

É a *Ponte* orlada de elevadissimos chôpos até ao chamado O, e ao cabo d'ella onde fôra a *porta de S. Bento*, e ainda em 1836 haviam dois arcos, e uma capellinha, se-observa o monumento erecto á memoria da sua reedificação por El-Rei D. *Manuel*, e o *Brasão de Coimbra*, que deu assumpto ás famosas allegorias dos illustres filhos d'El-Rei D. *João* 1.°, os Infantes D. *Pedro* e D. *Henrique*, de que nos-falla *Mariz* no 4.° de seus Dialogos.

Tem o monumento oito palmos e cinco oitavos de altura sobre sete e sete oitavos de largura; representa a *Virgem* com o *Menino* nos braços, aos lados estão as armas da monarchia, aos pés dois Anjos sustentanto um marmore, em que se-lê em caracteres allemães minúsculos floreteados a seguinte inscripção:

Osserenissimo prìcipe: alto he muy poderoso dom emanuell noso sõr op.m^o ẽ este nome he quatorze na dinidade reall: mãdou fazer de nouo esta põte ate as esperas (a) he redificar ate acruz de sã ff^co he da dita cruz ate sãta de nouo accrecẽtar esta tore he muro era de mil he D exiii anos.

Entrando na cidade os pensamentos nobres, que gerára na alma sua perspectiva, e a vista de tão célebres monumentos, murcham e quasi se-desvanecem; logo se-apresenta um spectaculo melancolico — *a cadéa* — casa mesquinha; a pouca distancia, ainda não ha muito, estava o *Pelourinho*.

(a) *Espheras* — Vide Elucidario.

Os Mouros tinham permittido á maior parte das terras, que se-submetteram ao seu dominio, serem governadas pelas suas leis, e julgadas pelos seus juizes, tanto no civil como no criminal, em tudo quanto não interessava algum mouro, ou não respeitava a cobrança de impostos; vindo por este modo a ter o mais extenso poder municipal que se-póde conceber. D'aqui veio terem em tempos posteriores todas as villas e cidades *forca*, *picota e tronco*, como instrumentos da jurisdicção, e imperio, de que ainda hoje se-conservam os dois ultimos, que são *Pelourinho e Cadéa*. Em *Coimbra* houve tambem muitos annos *forca* juncto da *Ponte de Aguas de Maias* na ladeira que ainda hoje tem este nome, como se vê do cap. 31 do *compromisso da Misericordia* d'esta cidade. — *Do modo como se hão de ir buscar as ossadas dos que padeceram por Justiça*; — não vem por conseguinte o nome da ladeira da fórma dos imaginados pilares, de que falla *Manuel Dias Baptista* no seu *Ensaio de Descripção Physica e Economia de Coimbra*. inserto no tom. 1.° da collecção de *Memorias Economicas da A. R. das Sciencias de Lisboa*.

Lamentosos brados por soccorro são as primeiras saudades, que o viajante recebe dos cidadãos, cuja patria vem visitar. Ao lúgubre som das sentidas vozes d'estes desgraçados, que compungem o mais ferrenho coração, entra-se pelo *arco da portagem* na bella *rua da calçada*: direita, larga, com lindos passeios, e bons edificios, não teria que invejar ás melhores de Lisboa e Porto, se-podessemos nivelal-a com a seguinte, estreita e acanhada: de 1772 data este projecto, porque na *notícia do que se-praticou em Coimbra pela occasião da vinda do Marquez de Pombal* já se-falla da trasladação da Misericordia para a Sé, que então o Cabido abandonava, afim de se-levar a effeito esta obra, digna do restaurador de Lisboa; mallogrou-se porém o plano, que tarde ou nunca se-realisará.

No fim da rua está uma fonte, juncto da qual vai uma rampa, que conduz á *Praça de S. Barthotomeu*, limitada por bons edificios, e pelas egrejas Parochiaes de *S. Thiago*, e d'aquell'outro Apostolo. — Defronte da fonte vem abrir-se a *rua do Corpo de Deus*, a cuja denominação deu origem um facto de que existe documento no cartorio da collegiada de S. Thiago no tom. 3.° dos titulos e sentenças fol. 58.

Segue-se a *rua do Cruxe*, cuja lanço esquerdo é em boa parte constituido pelo edificio da Misoricordia, capella, cartorio, casa do Despacho, Recolhimento das Orfãs e Botica. — Esta rua, habitada principalmente por Latoeiros e Ourives (será difficil dar a razão de tal escolha) é estreita, escura, e constantemente humida; porventura chegará ainda aqui tranada a agua do Mondego, de que na *rua dos Çapateiros*, distante poucas braças, ha cisternas sempre vivas.

Passada ella entra-se na *Praça de Sansão*, onde se-admira o magnifico templo de *Sancta Cruz*, jazigo de nossos dois primeiros monarchas, e d'outros muitos principes e varões illustres. Sua fachada parece fôra construida de pedra de *Ançã*, mui apta para obras mimosas; divisam-se ainda florões e tarjas delicadas, e restos de vultos, que foram estatuas; mas o tempo tem gasto a mór parte d'estes primores, a mão do homem não o-embargou na destruição com os reparos

convenientes, e a selva de plantas, que vegetam viçosas sobre o pó dos relêvos carcomidos, confirma o desprêzo, em que se-ha tido a obra d'ElRei D. *Manuel*, cuja só descripção maravilhou o Pontifice *Paulo* 3.º na patria das artes e dos monumentos. Mas como assim não ha-de ser, se em 1834 houve o nefando projecto de arrasar o edificio, para alargar a praça? Uma praça no logar onde estivera *Sancta Cruz;* uma praça calçada com os umbraes esculpidos do velho templo, com as lageas quebradas dos tumulos de D. *Affonso Henriques*, e D. *Sancho* 1.º!! — ¿Quem poderá comprehender a sublimidade d'este pensamento?

Felizmente não veio a ter execução tão *philosophico* plano, mas não foi por míngua de vontade, que os estragos do claustro bem o-mostraram. Alli foram arrombados os tumulos de dous illustres priores do mosteiro, e as cinzas espalhadas ao vento, como o-são as dos grandes scelerados. E sê n'êsta grave affronta á immunidade sepulchral se-resumíra toda a audacia, menos mal seria, eram homens soldados os perpetradores de tal attentado, achavam desculpa em sua profissão, que sempre a das armas foi licenciosa; outros homens porém, ufanos do pomposo titulo de sabios, e arvorados em apostolos *civilisadores* de Portuguezes *embrutecidos*, mais longe lançaram a barra de seus crimes, profanando sacrilegamente o mais devoto oratorio, e espezinhando reliquias de Sanctos canonisados.

Deixemos porém em paz o velho *mosteiro de Sancta Cruz* com o seu sanctuario profanado, e as suas campas sepulchraes esmigalhadas; não fallemos no seu vasto e magnifico refeitorio servindo de *theatro*, e as edificantes e magestosas estatuas dos *Apostolos da Cêa*, e a propria do *Salvador*, convertidas em *cabides* dos trages scenicos: demos graças a Deus em não ser hoje uma praça de hortaliça a área do edificio fradesco.

(Continuar-se-ha).

R. de Gusmão.

NOTICIAS.

ESTRANGEIRAS.

550 Na ALLEMANHA havia-se mandado convocar a *dieta federal* para rever a lei da liberdade de imprensa; e para se-tractar de uma amnistia geral.

A INGLATERRA lucta entre grandes difficuldades. A miseria do seu povo tem-se aggravado extremamente: em differentes partes o povo, levado pela fome, tem roubado alguns armazens cheios de comestiveis. — Grande sensação havia alli causado o projecto da *França* querer elevar o imposto sobre as fazendas inglezas de algodão: e a rejeição que o estado do *Maine* e *Massachusetts*, nos *Estados-Unidos*, deram ás propostas de lord *Ashburton* para a compra do territorio em litigio. — As camaras proseguiam na discussão dos projectos financeiros de *Sir Roberto Peel*. — O govêrno tinha mandado metter em conselho de guerra o commandante das forças que foram destroçadas em *Ghuznée*. — Os seus jornaes queixam-se amargamente de que no exercito chinez haja officiaes francezes e russos. — O assassino da Rainha tinha sido condemnado a ser esquartejado; não tendo durante o processo revelado a existencia de cúmplices.

Na FRANÇA, em consequencia de haver findado o praso da legislatura, foi a camara dos deputados dissolvida no dia 12 do corrente, mandando-se reunir os collegios eleitoraes no dia 9 de julho proximo; e fixando-se a 3 de agosto a sessão de abertura da camara. — Os differentes partidos trabalham com afan na presente lucta, forcejando cada um de per si por levar ao seio da representação nacional o maior número de seus correligionarios: porém é opinião de uma grande parte da imprensa franceza, que a camara virá composta pouco mais ou menos como estava. — Da *Africa* tinham chegado participações de haver o general *Bedeau* alcançando grandes vantagens contra o *emir Abd-el-Kader*, que novamente havia apparecido.

Em *Pisa*, cidade da TOSCANA os estudantes tinham organisado uma sociedade sob o nome de *Joven Italia* para secretos fins politicos; porém tendo sido descoberta, o governo os-perseguia como perturbadores da segurança do estado.

Na HISPANHA a crise ministerial tinha cessado. O marquez de *Rodil* encarregado da formação do ministerio, o-tinha composto da seguinte maneira — *Marquez de Rodil*, presidente, e ministro da guerra: *Conde de Almodovar*, do estado: *D. Miguel Zumalacarregui*, da graça e justiça: *D. Ramon Maria Calatrava*, da fazenda: *D. Dionisio Capaz*, da marinha: *D. Mariano Torres Solanot*, da governação. — As duas cartas da Rainha D. Maria Christina a D. Carlos tinham feito grande sensação em Madrid; n'uma pedia a Rainha a cooperação de D. Carlos para derribar o govêrno actual; e na outra dizia a Rainha, que consentia no casamento de sua filha D. Izabel 2.ª com o principe das Asturias. — Em *Barcelona* tinha havido graves disturbios em sentido republicano, porém foram immediatamente reprimidos. — Os bandidos continuam a infestar esta desgraçada nação. É espantosa a relação que os seus jornaes fazem do número e atrevimento d'aquelles salteadores.

PORTUGAL.

ACTOS OFFICIAES.

550 *Diario do Governo de 24 de junho.* — Portaria do ministerio da fazenda, ordenando que os effeitos sonegados ao manifesto, ou ommissos na declaração addicional, sejam apprehendidos e postos immediatamente em praça para se-arrematarem a beneficio da fazenda: e quando apparecerem volumes na alfandega que não fossem declarados nos dictos papeis, se-impozesse a multa correspondente ao dôbro dos direitos.

Idem de 28 dicto. — Lista dos deputados apurados nos differentes circulos do reino. Ordem da armada n.º 93.

Idem de 27 dicto. — Ordem pelo ministerio da guerra para pagamento de uma quinzena de pret e massas aos corpos da 2.ª — 3.ª — 4.ª — 5.ª — 7.ª — e 8.ª — divisões militares. Relações publicadas pelo thesouro-publico de varios papeis de credito para entregar.

QUEDA MORTAL.

551 Um pedreiro, por nome Braz, mestre de obras, que se-estão fazendo na capella da Encarnação, na quinta do conde de Pombeiro, freguezia da Charneca, trabalhava sobre uma cimalha, ainda fresca, a 24 do corrente; desfaz-se-lhe súbito debaixo dos pés, o que elle

mesmo acabava de fabricar; e tão desastradamente se-vem a terra, que para logo deixou desamparados uma viuva e um orphãosinho de tenros annos.

O NOVO THEATRO.

552 Faz-se o milagre — Edifica-se o novo theatro — Eis a voz que por toda a parte se-alevantou, quando se-viu erguer o tapume, feliz annuncio de tão boa nóva. Hoje porém que já lá vão dias e semanas, sem que nada mais se-tenha feito, renasce a desconfiada incerteza. Ficaremos como d'antes, sepultados, auctores, actores, e spectadores, n'essa espelunca immunda e carunchosa, onde ninguem entra sem risco e incommodo, com o credo na bôca, e a cabeça de continuo exposta a quebrar-se por esses tectos, que mais parecem de ramaes de minas do que de corredores. Nesse cazebre, a que no inverno podéramos chamar — fabrica de constipações — e no verão caldeira para banhos de vapor — espantalho afugentador de gente, durante todas as estações?! Caza em fim sem medidas nem fórma de theatro? — Faça Deus que não. — A caza do theatro normal, sobre tudo desde que se-construíra o de S. Carlos, é uma epigrafe d'affronta lançada sobre o caracter portuguez; uma accusação de pouca nacionalidade, que poderemos destruir, com a edificação d'um theatro nacional, digno d'esse nome; onde possamos levar o estrangeiro, livres da nossa vergonha, e do seu rir d'escarneo. À tal respeito nos-occorre agora uma lembrança, que pela julgarmos justissima, a-apresentamos, — vem a ser: — que no cazo do projecto approvado, não ser, dos que entraram em concurso; (o que talvez, por circumstancias imperiosas possa acontecer), cumpre não despresar os artistas concorrentes, que zelosos pela sua gloria e da patria, se-esforçaram para a-alcançar; todos esses homens trabalharam; e ha hoje tão pouco quem assim faça, que só por isso merecem elles premio; se não pecuniario, ao menos honorifico; o que será estimulo para os de futuro chamados a fins similhantes, e novo animo, a esses que já concorreram, talvez hoje esmorecidos, e alvo da mófa de seus companheiros invejosos, e alguns d'elles incapazes.

N B. — Posteriores informações nos-induzem a crêr que effectivamente passa a realisar-se a construcção do theatro. *J. da C. Cascaes.*

FALTA DE SEGURANÇA.

553 As noticias das Provincias continuam a informar-nos de deploraveis acontecimentos, para os quaes importa que o Govêrno lance attentos olhos. Uma carta d'*Elvas*, de 27 do corrente, dá parte de todos os seguintes attentados, perpetrados no dia 20; e juncta, o que pouco crivel é, que nem um soldado tem saído em perseguição da matilha, que ha mais de 6 mezes infesta o concelho d'*Elvas*.

Pela manhã foi assaltada a fazenda da *Barqueira*, e despojada a fazendeira, de quanto possuía.

Ás 7 horas da tarde, foi assaltada a fazenda de *Veredas*, d'onde levaram uma jumenta, que depois appareceu, perto d'esta cidade. Ambas estas fazendas são no sitio de *Varche*; e os ladrões eram cinco.

Na mesma tarde, recolhendo-se da herdade dos *Mataes*, distante meia legoa d'aqui, *Francisco da Conceição* arrematante de carnes, foi morto com um tiro. Foi espera, porque o facinoroso levou o cavallo, que, depois de se pôr a salvo, abandonou. O morto deixou a viuva com seis filhos.

Em *Barcarena*, n'aquelle mesmo dia, foi esfaqueado um *F. Carvalho*, de que lhe-resultou a morte no dia immediato. O aggressor é um tal *Valentim*, guarda de matto de *Font-Alva*.

MATTOS LOBO.

554 Em um folheto, que se-acaba de publicar com 55 paginas de *quarto*, com grande curiosidade e consciencia reuniu o Sr. *Francisco Antonio Martins de Bastos* quanto ácerca da vida e morte de *Mattos Lobo* lhe-foi possivel alcançar. Em quatro capitulos se-divide o opúsculo. — 1.° biographia — 2.° o crime — 3.° peças originaes escriptas por *Mattos Lobo*, e circumstancias particulares occorridas na cadêa — 4.° os tres dias do oratorio. — Recommendâmos esta leitura pela miudeza das relações, que encerra, e pelo empenho, que se-vê, tivera seu auctor em presentar a verdade singella e despida de poeticos artificios que sempre em taes casos são reprehensiveis: no verso do frontispicio lê-se esta declaração. — O auctor não transfere o direito de propriedade d'esta obra, nem outra qualquer impressa debaixo do seu nome: usará dos meios legaes contra quem publicar a íntegra, ou extracto d'ellas. — O aviso é completamente justo, mas duvidâmos de que seja efficaz: a impudencia dos piratas typógraphos, e a falta de delicadeza, ou a penuria de cabedal de alguns jornalistas, não só atropellam com a mais notavel sem-cerimonia todos os mais bem assentados direitos de propriedade, mas ainda por cima escarnecem dos proprios a quem roubam, se estes ousam de se-queixar. Tambem nós já prégámos egual sermão, e prégámos no deserto; esperemos pela lei que na falta de probidade e vergonha só ella em fim póde valer-nos.

DESORDEM.

555 Lê-se no *Periodico dos Pobres do Porto* o seguinte:

Na Quinta á noite, seriam duas horas, tiveram logar no arraial da Lapa desagradaveis occorrencias entre os soldados d'artilheria 3 e uma patrulha da guarda municipal. Parece que a desordem principiára por ter um soldado d'artilheria espancado um corneta da municipal; o soldado foi prêso e depois tirado á patrulha pelos seus camaradas! sobre isto se-travou tal ou qual barulho á porta do quartel d'artilheria, ficando ferido mortalmente um soldado da municipal, por appellido *Ferreira*, da 2.ª companhia n.° 173. Ouvimos dizer que a patrulha se-comportára com moderação, devendo-se esta moderação ao comportamento do Sargento commandante. Os Officiaes d'artilheria conseguiram socegar os seus soldados. O Administrador do Bairro, achando-se presente, deu as competentes partes.

Na mesma noite, no sítio do Terreiro, á Ribeira, houve uma séria desordem de que resultou levar um botequineiro, de Cima do Muro, duas facadas, e um soldado da Municipal uma na mão.

UMA HEROINA.

556 Se o seguinte feito merecer um cantinho na muito lida e acreditada *Revista Universal*, V. dará a todas as senhoras motivo para muito prazer e gra-

tidão, offerecendo a todos os cavalheiros, principalmente aos que professam a carreira das armas, um exemplo de valôr, que poderá bem servir-lhes d'estímulo e d'inveja.

Na noite de 17 do corrente, com pretexto de accender um cigarro, e conhecer bem a estrada, que conduz a *S. Marcos d'Ataboeira*, tres guerrilheiros a cavallo pertenderam introduzir-se em casa do lavrador, que habita á herdade do = *Corte de Cavalleiros* = na freguezia d'*Entradas* — concelho de *Castro-Verde*. A lavradora, *Rosa Gonçalves*, que dormia com seu marido o somno tranquillo da innocencia (e que por certo nunca ouvíra fallar da Padeira d'*Aljubarrota*, de *D. Isabel da Veiga*, ou d'*Anna Fernandes*) despertada tanto a deshoras, respondeu ás instancias dos tres malvados « *que estava na cama, e não podia, por muito doente, abrir-lhes a porta* » indo logo pé ante pé em busca da espingarda do marido. — Tres tiros a um tempo deitam dentro o postigo; — e a lavradora do *Corte de Cavalleiros*, que não é mais intrepida que bem morigerada, acerta e fére gravemente um dos inimigos, que cáe por terra. — Levam-no os outros para sobre o poial do forno, onde ficou a abrigo de mais feridas, e tornam, a ver se vingam tão inopinado, como merecido, revez. — O gemer do cempanheiro, se os não descoroçôa, e os não desvia do seu damnado propósito, tambem os gritos de susto e desapprovação do marido não a-acovardam. Ameaça a uns com a sua firme resolução e coragem, e responde ao outro « *que ainda tem polvora e chumbo* » — Ella só, sem esperança de soccorro, porque o marido brada inutilmente, e que o unico visinho que alli ha lho-não presta, por desde muito malquistos, ella só, repelle a aggressão de tres contra um, e os-rechaça com vergonha d'elles, que ao sexto tiro fugíram, sabendo que fugiam de uma só mulher.

Quem já tiver vivido n'um monte rodeado de medonha charnéca — quem souber quantas connivencias e perigos custa hoje a vida no *Alemtejo* e *Algarve* aos desgraçados camponezes, saberá apreciar devidamente o denodado feito da Senhora *Rosa Gonçalves*.

Chegado o dia, foi-se até *Entradas* (uma legoa distante do seu casal) avisar o Regedor da Parochia, e pedir a um seu conhecido, que lhe-fizesse uns cartuxos embalados para atacar a espingarda com mais facilidade e promptidão, no caso de lá tornarem, como é muito para temer, os tres scellerados. — Tanta ousadía e hombridade é mais de varão que de *mulher* — mais para espadas do que para rocas.

Ouvi ao Sr. Neves-Barbosa, Governador Civil d'este districto, que vai recommendar a Sua Magestade a Rainha esta singular transtagana, que sabe dar á Mesma Augusta Senhora testimunho tão provado, tão para admirar e agradecer, da sua dedicação e lealdade.

Illm.° Sr. Redactor, sé é grosseria a liberdade que tómo, — se me não exprimo como devêra, e como desejo, perdão para tudo supplíco eu a V. , e espero da sua benevolencia que não me-será denegado; pois não é despresivel a verdade só porque a-diz, ou a-escreve, a bôca, ou a penna rude, que não estudou, nem conhêce os preceitos e enfeites da arte. — O raro e curioso do successo não menos deve justificar o meu atrevimento.

Beja 22 de Junho de 1842.

Tenho a honra de ser de V. attento respeitador e criado obrigadissimo — *João Maria Nogueira*.

ABALROAMENTO.

557 Abalroaram-se os vapôres que dia de S. João transportaram muitas mil almas para a outra banda. O choque arrancou alguns gritos de misericordia! — Mas graças a Deus não houve novidade.

---

543 DIARIO METEOROLOGICO DESDE 22 ATÉ 21 JUNHO 1842.

Dias do mez.	Thermometro exterior. Minimo.	Thermometro exterior. Maximo.	Barometro. 9 h. m.ª	Barometro. 3 h. t.ª	Pluvimetro.	Ventos dominantes e sua força.	Estado da Athmosphera.
22	62	77	760,4	761,6	6	1SO NO	Chuva serena de m. — Cob. e cl. — Cl.: dia fresco.
23	58	82	763,0	761,8		NO1	Cl. e nuvens grossas — Cl. — Tarde mais fresca.
24	58	79	759,8	758,5		2NO1	Cl. horisonte vaporoso. Id.
25	64	86	7,586	758,0		1B N2	Cl. dia muito quente.
26	64	99	758,0	757,1		B 2NE B	Id. horisonte vaporoso: calor excessivo, e vento abrazador. — Norte muito calmoso.
27	67	90	759,5	758,7		B 2SO	Nevoeiro de madrugada. — Cl.: horisonte vaporoso; dia quente, e tarde fresca; ar humido.
28	61	84	759,0	757,8		1SO2	Nevoeiro denso até ás 8 h. m., e cl. depois — tarde fresca.

Terminaram os onze dias da influencia calmosa da 3.ª quadra, a 21 do mez, seguindo-se a 4.ª, de temperatura fresca nos extremos do dia, e quente na presença do sol, manifestando a sua apparição com a benefica chuva que cahiu na manhã de 22, a qual porém foi tenue e circumscripta a limitados sitos. Em *Lisboa* não excedeu a 6 millimetros, ou 21 canadas por braça quadrada; e em *Cintra*, na quinta da *Trindade*, subiu a 16 millimetros, mas consta que só abrangeu até ao sitio da *Ribeira*, além do qual não passou. A frescura espalhada por esta quadra foi de curta duração, sendo immediatamente substituida pela 5.ª, que se manifestou a 25 com a repetição dos antecedentes calores, os quaes appareceram exorbitantes no Domingo 26, fazendo subir o thermómetro, posto á sombra, a 99.° F. (30 R) Veio acompanhado de um vento rijo e abrasador do nordeste, e teve muita similhança, ainda que inferior, com o memoravel calor de 1.° de Julho de 1824, o qual porém o-excedeu em 6.° F.; e é provavel que tenha causado notaveis piojuisos ás arvores e plantas nos sítios mais expostos á corrente do vento, e já ressequidos pela acção constante de 53 dias de sol ardente, apenas modificada por alguns raros orvalhos nocturnos. Esta quadra, que ainda permanece, tem sido notavel pelos nevoeiros das manhãs, os quaes são geralmente nocivos á fructificação das oliveiras.

M. M. Franzini.

Imprensa Nacional.